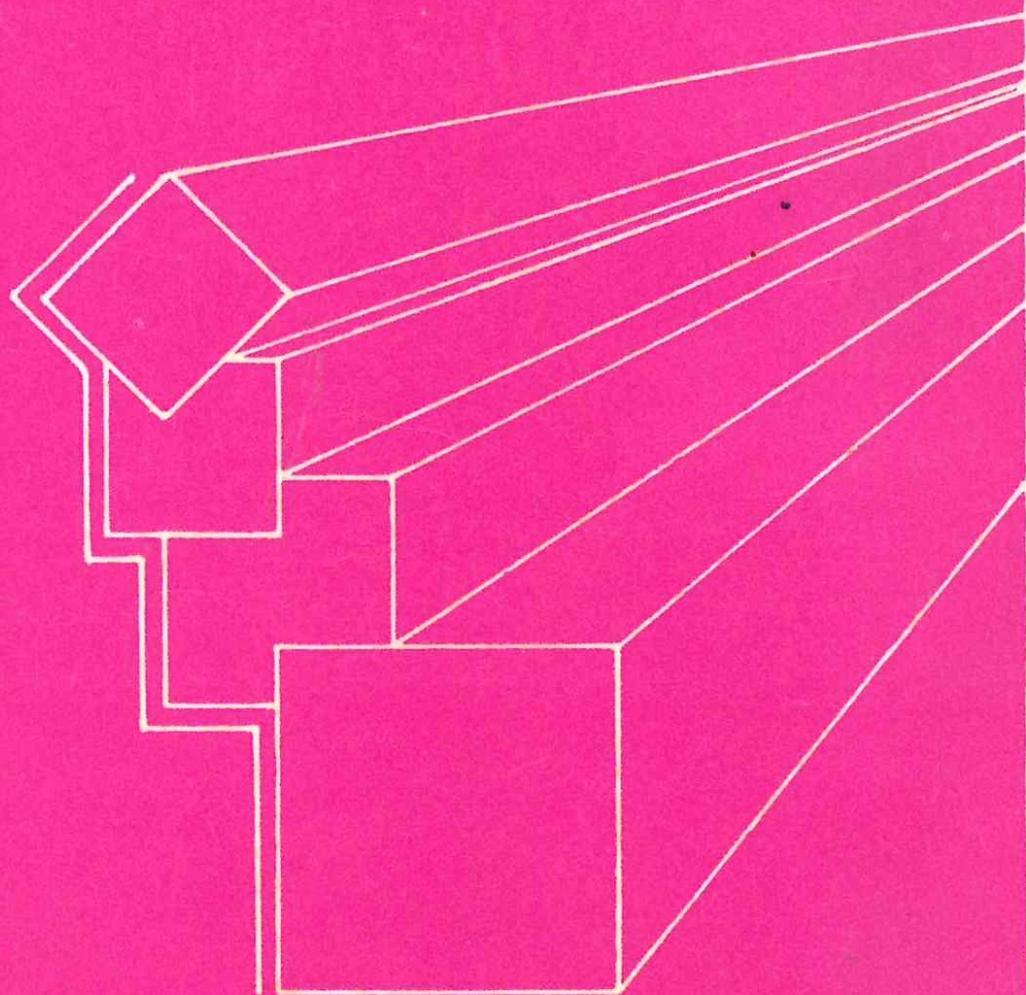


MARIA SALOMÉ

FRONTEIRA DA
MEMÓRIA



1.134.3-3Salomé, I
AL

AMARANTE

**FRONTEIRA
DA
MEMÓRIA**

MARIA SALOMÉ

**F R O N T E I R A
D A
M E M Ó R I A**



*Barcelos
Perme.*

**AMARANTE
1988**

sear

Capa de
António Futuro Silva

Edição da Autora

Composto e impresso na Companhia Editora do Minho — Barcelos
Junho — 1988

*A todos os que acreditaram
em mim, dedico este livro.*

DUAS PALAVRAS

Pastora dos pássaros azuis e verdes e de prata...

Pastora das Palavras livres e lisas e puras.

Pastora do Tempo de ser e de criar...

Todo um livro de transparências, de tinir dos sinos da Memória, da Atenção submissa ao desdobrar da Hora, às mutações dos dias...

Pastora do Sonho, da Imobilidade e da Transcendência; olhar pousado na Vida agradecida.

Abraço-te, Salomé, por teus dons, que neste livro se fizeram dádivas.

Amarante — Primavera de 1988

MARIA EULÁLIA MACEDO

O asfalto da rua tinha duas cores nítidas, geometricamente diferenciadas: o preto e o branco-cinza.

Fora a chuva miudinha e outoniça o esquadro natural daquela construção.

Lina pensa que também as almas — as almas dos vivos — têm essa mesma simétrica coloração — o preto e o branco; o bem e o mal; a felicidade e a desdita.

É. Algum tempo a esta parte que ela vê o mundo em dados bipolarizados e isso revolta-a.

Ela acha que há situações intermédias. Que o homem é um quase isto, para não ser quase aquilo.

O café está calmo. Pouca gente. Ao balcão, uns assíduos almoçam.

Nas mesas, um ou outro estudante.

Gosta desta paisagem. Treinada a interpretar almas através dos rostos, esse jogo diverte-a.

Depois chega um conhecido, um quase amigo. E o bloco fecha-se.

— Quando terminarei este romance?

Será mesmo um romance ou conclusões de estados de alma, de situações, de vivências?

Mas, afinal, que é um romance?

Nunca gostou de definições, ela.

Tem as suas próprias verdades, as suas certezas interiores (tão suas conhecidas!) e isso lhe basta.

— Pois é mesmo um livro que vou escrever!

Devo isso a mim própria.

Será a mim própria ou aos outros?

No Inverno, ela tinha muito frio. Enroupada até às orelhas (como se lembra do seu regalinho de pele branca, com um focinho de raposa!), adormecia à mesa ou sobre a cama, antes da refeição da noite.

Era um ser estranho. Raquítico, enfermiço, com uma sobrancelha escura muito cerrada (pareces espanhola, pequena!) e uma capacidade enorme de chorar.

Não sabia defender-se por palavras. Sentia as coisas, mas não sabia comunicá-las: as palavras eram lágrimas (ou as lágrimas eram as suas palavras?).

E assim se tornou demasiado sensível à injustiça, à incoerência das pessoas, à lama do mundo...

No Verão estava sempre doente: febre alta, colocava as mãos sobre as grades da cama de ferro, para se refrescar.

E comia caldo de vitela muito branco e insípido.

Era levada para o quarto dos pais. Um privilégio de doente. E usufruía com um certo prazer triste, o melhor conforto, o luxo do quarto...

Era assim todos os Verões.

Que tinha? Não sabia, e creio que o médico também não.

Era a época da praia.

Havia anos em que tinha de ser retardada, por causa do «empecilho».

E assim, com cuidados e desvelos, e apesar disso, Lina foi-se tornando num ser à parte que não sabia brincar, contemplativa e fechada para o grupo de irmãos e vizinhos.

— É chata, esta pequena!

— Não vale a pena dar muita atenção ao caso. Ela não chega a gente...

— Morre? (dizia minha mãe).

— É. Foi o médico que disse... aquela veia, aquela veia esquisita na têmpera... ninguém resiste, não passará dos sete anos!... .

Na pequena cidade, que tinha sido já uma grande vila (mas isso é outro assunto!), havia uma escola infantil oficial.

Seus irmãos por lá passaram todos.

No seu tempo andavam três.

Ela era a do meio, mas mais pequena e enfezada que a mais nova.

Tinha quatro anos.

No Inverno — é lindo o Inverno! — a mãe dava-lhe

um tremendo guarda-chuva de homem, que abrigava as três. Parecia um toldo.

Passávamos ao Correio Velho (Rua Infante D. Henrique), onde as pingas de chuva caíam cadenciadas e grossas.

Estranha nostalgia! Ainda hoje Lina recorda o prazer um tanto estúpido dessa cantilena.

Às vezes, propunha aos irmãos:

— Vamos fechar o guarda-chuva?

E chegavam à Escola com a cabeça a escorrer... guarda-chuva fechado e contentes... contentes...

Em casa, a mãe não dava conta. Estava no atelier do pai, ajudando.

A «Avó Semaria» (devo-lhe aqui a minha homenagem!) enxugava-nos.

E ralhava, ralhava...

Mais a mim, por quem nutria um amor piedoso, de solteira eterna, dedicada à reza e à cozinha.

Moça de servir dos meus bisavós, fora-o dos avós, criara minha mãe e estava agora, com netos que considerava seus.

Era a «Avó Semaria» um pilar muito especial da minha infância!

Morreu (de velhice) por alturas do meu quarto ano do liceu.

— Quantos anos tem, Avó?

— Só contei até aos oitenta, depois perdi a conta...

Lina está naquela idade madura. Todos julgam que ela é uma senhora, com ideias próprias do seu bilhete de identidade.

Mas acontece que não. As suas ideias não têm idade, como ela também não tem.

Haverá mais seres assim?

Por dentro, mas muito por dentro dela, há muitas idades que passam, no quotidiano das horas, como artistas no tablado do palco, em dia de ensaio geral.

Por isso ninguém dá conta. Ou haverá quem dê?

Lina viveu muito, sem ter vivido nada.

Ela sente-se intacta e branca, em certas horas.

Não tem idade oficial, mas uma permanente canseira: pensar, pensar, pensar...

— A senhora, agora, entrou em órbita, não foi?

— Em órbita? Ah!

E sorri. Sorri. O seu sorriso é uma fuga. Uma defesa à sua inibição perante o áspero, o grosseiro, o tempestuoso dos outros.

É que são outras as suas tempestades, apesar do seu lago aparente, do seu sorriso de lábios... que não de olhos.

Os olhos pousam-se mais além, naquele mundo de alguns, refrigério da tal lama onde a maioria pulula...

São olhos de poeta. E o mais engraçado da história é que os olhos do António também têm essa mesma fome de infinito, essa tristeza parada e funda...

Mas falar do António é difícil. Lina não quer

misturá-lo com nada que venha ao de cima das coisas, com nada que transponha o limite do sonho.

O António é. Mas o dramático, no fim e ao resto, é que ele foi.

Foi e já não é, embora os olhos, os seus olhos que buscam para além do além, permaneçam, por vezes, quase iguais.

Mas já não buscam: desistiram muito cedo, ou será que mesmo, alguma vez, procuraram?

Lina nada compreende e só tem, de concreto, interrogações.

Um ser que se fecha, num mundo limitado, que deixa passar as horas, os dias, sem deles guardar nada, nem sequer lágrimas.

O Café está despido. Poucas pessoas e essas são as mesmas, sempre certas, no lugar certo.

O dia está triste, mas tão sereno, que Lina está quase tentada a gritar, para abalar este silêncio.

Uma pomba, do templo do largo, esvoaçou e o encanto foi quebrado...

A chávena permanece na mesa, depois de tomada a bebida quente e excitante.

Ela gosta do café, no Café.

Tem outro sabor. Um sabor um tanto sensual de que ela precisa: aquece e é loiro, acre-doce como uma carícia humana.

Eu quase estava tentada a confessar que o acto de tomar café é dos poucos que não têm metafísica. Mas, se calhar, Lina até nele consegue encontrar problemas desses, inquietações, angústias do pensamento...

A Vila está pejada de fotografias de líderes e slogans de propaganda política. São coloridos e emprestam à monotonia local um certo ar de festa-bizarras.

Lina, que gosta de «estar» no tempo e no espaço, tem horas em que quereria saber o que é: surgem-lhe os tais dados bipolarizados e ela sente, sabe, que não tem espaço para si.

Nem político, nem psicológico e, se isso lhe deu prazer na juventude, por causa do seu quê de originalidade, agora, no cume da subida, sente-se intacta e branca e o que é mais doloroso: incapaz de se preencher...

Ainda agora Lina teve essa prova:

Ela sabia que a experiência ia falhar, mas ia tentar mais uma vez: «haja o que houver, vou deixar-me envolver, para me libertar do carisma».

Começou pela saída. Fazia tanto frio, que fez como em criança: enroupou-se até às orelhas, ficando com aquele ar indefinido e triste que lhe é peculiar...

Se o psíquico ajudasse, Lina poderia ter partido de sanuviada e mais leve, com as linhas do seu corpo

—esbeltas e ainda jovens—desenhadas debaixo da saia bonita...

Mas não. O comboio rolou, como foi rolando a sua fantasia, o desejo de evasão e aquela vontade louca de comprar felicidade.

Só que com ela ia o pensamento e, assim, aquela força toda corpo (que ela queria ter ou imitar, ao menos uma vez, na vida!), aquele serpentear em volta nem que fosse dum «boneco», às vezes só bonito, não a possuía Lina.

Ou talvez possuísse, lá muito dentro do escaninho do seu subconsciente, envergonhado, anulado, mas sempre, e por isso mesmo, tremendamente exigente.

Assim, não: condicionada, feita para dar felicidade (que estúpido sonho de juventude!), não guardou, nunca, nada para si.

Os outros, habituados a que ela nunca falhe, fartos, até à saturação, da sua ajuda, da sua execução, vêm nela apenas, e só apenas, um suporte infalível, esquecidos de que têm deveres fortes, primários, para com a rapariguinha que é, porque nunca foi.

Ao escrever isto, Lina pensa nas palavras de alguém, dizendo que já ninguém cria nada, que a aculturação é tão grande, tão generalizada nos nossos dias, que já não há originalidade.

Ela tem agora, aqui, a prova disso — «homens que nunca foram meninos».

Mas há, sim, um toque de origem no seu caso: é na

alma que está a carência, a lacuna, aquela fome (ou sede) de algo que nunca teve, que nunca ninguém lhe deu!

Sempre brincou aos adultos. De bonecas não gostava.

Lembra-se de uma boneca preta que a tia lhe trouxera de África, com tanga de palhinhas e argolas nas orelhas...

Gostava dessa. Talvez por ter vindo de longe, e Lina, sem o saber, já se apercebera do subjectivo das coisas...

Sua irmã recebeu, nessa altura, um marujo com uma cara travessa e judia, como todos os autênticos...

Lina não gostava de brincar, o que se diz brincar. Pensava e estava muito quieta, contemplativa...

Já falei na época da praia?

Ela devia ter oito anos, reduzidos e tristes.

No areal imenso, destacava-se aquela barraca, estilizada e diferente, entre filas de outras.

Os irmãos fugiam. Só a fome os aproximava.

Ela ficava, furando a areia com os dedos finos.

Da barraca ao lado, a Dona Julinha (há que tempo isso vai!) vinha tagarelar com a mãe, que bordava uma toalhinha azul. Ainda não chegara a febre do «crotchet».

Eu importunava D. Júlia.

— A pequena pode ouvir! Não são conversas para ela!

— A pequena? (dizia minha mãe).

É como se não estivesse ali. «Aquilo» não vê nem ouve nada.

É «aquilo»...

Eu ouvia, ou melhor, percebia.

E assim fui penetrando no mundo adulto, sentindo sem compreender.

«Aquilo» era um vulcão numa aparência de lago e ninguém deu, nunca, por isso!

Quantas vezes Lina, já mulher, ouvira falar da sua apatia perante o mundo concreto das coisas.

E o vulcão prestes a rebentar e a sua sensibilidade ferida de morte e para sempre...

Lago... vulcão... vulcão... lago — é tudo o mesmo, em certos seres que não podem deitar fora a carga com que vieram dotados.

O Natal está a chegar. Lina, que sempre adorou esta quadra, conta agora com ela como terapêutica de alma...

Falhará? Surtirá efeito?

Neste momento, ela não tem a certeza de nada.

Manhã fria, sensação de arrepio, tudo lhe parece negativo e hostil.

Comprou umas «pratas» de cores luzidias.

Sempre teve atracção pela cor: o branco deprime-a e o colorido aquece-a.

Sempre assim foi, pequenina ainda: — «esta criança deve ter sangue de preto, só gosta de vermelho»...

O sortilégio natalício é usado por ela como remédio anual para mal antigo.

Talvez corra o risco da habituação... como dizem os nossos médicos.

De qualquer modo, gostará de ver as luzes, as velas, os presépios, tudo o que é tradicional e quente.

É tão grande a sua sensação de frio!...

Lina fazia dezoito anos. Quaisquer que sejam as circunstâncias, é sempre uma meta que não se atinge de ânimo leve, principalmente se se possui o sonho, a fantasia e a pureza de Lina.

Estava na aldeia, na quinta das termas.

À entrada, havia um parque de plátanos frondosos e tristes.

Era também triste aquela entrada!

O Inverno ia em mais de meio. Por vezes, tinha-se já a impressão de que a Primavera espreitava, na quietude das árvores, no ar macio, num e noutro passarinho mais audaz.

Tudo lhe parecia distante e esquecido do seu meio, ali naquelas termas vazias, fora da época, sem juventude nem conforto.

Não conhecia a geografia do terreno, a não ser o caminho para a cidade, que fez imensas vezes a pé!

Hoje pasma com o muito que se andava naquela época.

O rapazito (para ela um rapazito!) surgiu ao portão da quinta, de caminho para umas casas vizinhas, pertença de sua mãe, soube-o Lina depois.

Viu-o e falou-lhe. Conhecia-o desde sempre, mas nunca achara importante falar-lhe.

Lina era assim: tímida e calada, tinha, por outro lado, uma tão alta ideia da vida e dos seus valores, que muitas e muitas coisas lhe pareciam pequenas!

O rapazito, tal como muitos mais tarde, não mais deixou de seguir-lhe o rasto, submisso e fiel, delicado e terno...

Mas nunca conseguiu ser para Lina mais do que um marco que define uma idade e uma etapa da vida.

Na cidade havia e há uma livraria linda, tipo bric-à-brac — reunião da juventude do tempo.

Ao balcão, muito garrida e eficiente, estava a irmã do dono — a Maria Laura que, um belo dia — ou bela tarde? dispara:

— A menina namora o Pedro?

— Porquê? — pergunta Lina de olhos no chão.

— É para a avisar: o Pedro tem má fama, é conhecido como perigoso entre as mulheres...

Lina sai da livraria, um farrapo.

Aquelas palavras fizeram-lhe muito mal.

Ela, verdadeiramente, nem as entendia bem.

Odiou a Maria Laura, a loja, o Pedro, o mundo.

Sim! O mundo!

Que linguagem era aquela? Que conhecimento tinha a caixeira, de tudo aquilo e, o que era pior, da sua vida e da do Pedro, que ela, Lina, precisava de «ver» muito em cima?

Os dias foram passando. O choque, o desgosto foi amortecendo, mas muito no fundo de si própria, algo ficou escondido e latente.

E eis que chega Maio e o seu cortejo de promessas.

Braga era uma cidade linda e lindo era tudo à sua volta — sonhos, ilusões, vida vivida.

A Avenida Central parecia não ter fim, percorrida naquele passo parado, a dois, entre um diálogo, às vezes só monólogo...

Foi então que algo acordou dentro de si, como tantas vezes ainda hoje acontece, e disparou, numa risada:

— Sabes, Pedro? A Maria Laura disse-me que tu... tu (como conseguiu dizer-lho, Santo Deus!) és... o que se chama... um rapaz leviano...

Julgou que ia negar, que aquilo havia sido conversa de balcão, em pequenas cidades.

Virou-se, sério como jamais o vi: é verdade, sim, a Maria Laura não mentiu, mas o que ela não sabe é que há seres cuja pureza é tão grande, que afastam toda a ideia de pecado...

Não compreendeu muito bem.

São estranhos os homens! — pensou.

E o passeio continuou, a dois, naquele passo quase parado, apanágio duma idade e de uma época histórica.

Hoje os pares não «fazem avenida» como dizia minha mãe, pois substituíram o «picadeiro» pelo café e pela discoteca...

Melhor? Pior? Não vou aqui fazer crítica de costumes, mas, somente, tirar de mim, para o papel, tantas, tantas coisas que o quotidiano não apagou e pelas quais e para as quais, soube-o agora, vivi sempre, todos estes anos.

A vila (já não moro na pequena cidade!) está coberta de uma densa neblina molhada. É interessante, mas deprime.

Sem sol, o largo morre aos poucos.

Há qualquer coisa de postal de turismo, de fotográfico, nesta paisagem tão cantada...

Ao meu lado, ao lado da Lina, fala-se de totobola!

Ela gostaria talvez de falar nisso ou de outra coisa semelhante que a desobrigasse de pensar, lhe cortasse para sempre o cordão umbilical da sua nostalgia, do seu mundo de encantamento. Ou desencantamento. No fundo, Lina não sabe em que mundo está, a não ser que não é o dos outros seres.

Começou, então, matematicamente, a contar os anos que lhe «faltam» e reagiu.

— Tenho de entrar na «comunidade» — pensou — e adoptar outro sistema de vida.

Dessa reacção nasceu este livro, que é a recordação de uma outra vida, da sua vida apetecida, que os outros não vivem, nem, talvez, estejam interessados em viver.

Da vida apetecida! Para isso, sabe-o agora, seria necessário que os outros ajudassem, que os outros fossem assim...

A não ser que ela mude (por que não?) e se transforme numa Senhora toda enroupada, toda exterior, toda vácuo e fadiga.

Oh! Se ela conseguisse o milagre, se ela acreditasse na encarnação de outras almas, talvez recebesse uma outra que a libertasse e, paradoxalmente, a amarrasse, de vez, a esta sociedade comum.

O sol hoje foi muito preguiçoso. Do lado de lá do rio, a vila ainda dorme num lençol cinzento de névoa.

Para cá, um ou outro fio dourado embeleza a paisagem de um Inverno intenso, quase histórico.

As árvores do largo, podadas em simetria bizarra, parecem almas, de mãos erguidas, a orar ao céu.

Estão nuas, rugosas e frias, as pobres!

Parecem almas, as almas de certos vivos, que só deixarão de implorar quando partirem, talvez contentes, para o mundo do sem resposta...

É a hora do almoço. As caixeiritas regressam, por momentos, à casa paterna.

Mas, no vaivém da rua, animam um pouco este burgo medievo e tristonho.

Também Lina começou a trabalhar: é um mundo à parte dos outros mundos — outro porte, outra linguagem, outra atitude (competência?), embora a alma, muito lá no fundo, seja ainda e sempre a mesma.

Às vezes Lina tem a impressão de que notam qualquer coisa que, na maioria não sabem explicar. E a vida, qual rio caudaloso, lá vai seguindo, no seu leito estranho de encanto e frustração.

Passaram duas jovens. Lina conhece-as e tem pena por elas. Não pena delas, pois, se soubessem disso, eram capazes de sorrir!

Atravessaram o café, impantes e ridículas: no traje, no andar, no todo! Mas a pensar que eram rainhas, passando revista aos seus súbditos...

Eu gosto muito da juventude. Bela, saudável, honesta e boa. Não daquela.

Talvez que eu veja alguém belo, saudável, honesto e bom e o prato da balança equilibre.

O António melhorou: está menos «ilha», mas a sua instabilidade mantém-se.

Lina tem a impressão de que ele não sabe o que quer, porque se desconhece a si próprio. Pior, tem a errada convicção de que tem sempre razão!

Assim, não andará para a frente e sofrerá, não falando já nos outros, do seu círculo, que ele aperta, mas que se vai libertando...

Mas Lina tomou resoluções: que é isso de se deixar envolver? Ela quer é liberdade! Ela quer é ser pessoa individual! Ela quer é viver, não a sua própria vida (cheira a pecado essa expressão!) mas viver a seu modo!

O dia está muito frio. De manhã foi, de alongada, até ao mercado.

É interessante como conseguiu pautar a alma em cifras, em barato e caro, em hortaliça e peixe.

Isto, à medida que a amarrava a um orçamento e a um horário, libertava-a daquelas amarras do encantamento desencantado que é a sua vida actual.

A sua vida actual! A Lina actual!

Há anos atrás, quantos anos?, tinha a pateta ilusão de que os heróis bons eram beatificados, santificados por quem, na maioria dos casos, recebia os seus sacrifícios.

Mas não. Hoje Lina sabe que não é assim: ninguém

aprecia «santos», nem estes conseguem fazer-se amar...

Há uma tendência nítida para apreciar o que é «diabolicamente mau», talvez por secreta identidade entre o ser amante e o amado...

O frio continua. Para a Floresta não bole um galho de árvore. E as ameias das casas apalaçadas que vejo daqui, parecem desenhos de menino de escola...

Parece que disse já que a vila tem qualquer coisa de postal, de tipográfico, que nos dá, às vezes, esta impressão de irreal...

Lina já correu muitas terras e esta é das que mais gosta.

«É a descer, tudo aqui vem parar» — diz o povo — e ela sabe que é mesmo a descer e que aqui «descerá» para sempre...

Isso não lhe interessa.

Não consegue compreender como há pessoas que programam a morte, como se depois continuassem a ver e a sentir. A mim tanto me faz, pois eu sei que tudo acaba, no último momento.

Lina sofre muito menos. A sua linguagem não são só lágrimas, mas a vivência do presente, em termos já mais individualistas.

Assim, o «eu» vai emergindo timidamente dum contexto familiar e social.

Já devia ter sido há mais tempo, mas há sempre tempo para saborear, a pequenos golos, o bocadinho de mel, caramelo minúsculo, que a vida, leoa avara, vai oferecendo.

A mim e à Lina não oferece muito (ou oferecerá?): a liberdade dum café tomado no seu canto e a certeza certa de que pode pensar, pensar, pensar...

Depois, que importa que nas outras horas, tantas vezes!, seja um robot muito bem computadorizado?

Que importam as cem mil voltas do seu dia-a-dia (por isso o domingo nunca mais cessa!), se a alma se desdobra e reage e sente como ela quer e ordena?

E entra em órbita e passeia num mundo que é só dela, que ninguém vê, nem quer, nem alcança.

Há bocado o António perguntou-lhe se o livro ia adiantado.

Disse que sim. Mas que o tempo disponível não era muito.

Pareceu interessado, por instantes.

Depois, embrenhou-se no jornal e esqueceu-a.

Mas o fim de semana adivinha-se mau: há qualquer coisa de luta, de tempestade, nestes seres que, unidos, estão libertos.

É o lago a tornar-se vulcão, e Lina, comodista, por vezes, como todos os mortais, já não sabe se prefere o lago, se o vulcão.

O lago não vive e o vulcão destrói.

Qual dos dois, afinal?

A estrada onde eu moro é nacional.

Fim de semana e centenas de carros que passam, abalando o alicerce cinzento do prédio novo que habito.

Alguns estão para chegar. Lina gostaria que fossem eles.

Só há sombras e espectros vivos nesta casa!

As pessoas deviam amar-se muito, murmura.

Claro que se amam, no fundo amam-se, mas fazem mal uns aos outros e isto é um bocadinho triste.

Desde ontem que aquilo durava. Sufocava-se.

Por que não se hão-de dizer todos esses horrores que nos esmagam?

Lina, feita vulcão uma vez na vida, disse.

E houve tempestade. Não de neve branquinha e pura, mas borrasca de lama que, esquecida no coração da montanha, toca de descer desenfreada e dura, até à praça.

Isso pasmou as gentes e gerou uma atmosfera de tensão incontida.

A Lina, habituada a encontrar uma explicação para tudo, desorientou mas, depressa encontrou o seu «esquema de sobrevivência».

Falou nele ao António. Claro que ele não entendeu, achou talvez ridículo e depois imaginou que era mais uma das «filosofias dela».

Estranho que António não compreenda, ou talvez até compreenda, mas Lina acha que ele escolhe sempre a posição mais cómoda...

Sempre imaginei que há no mundo, nos seres, nas almas dos vivos, duas grandes portas: a espiritual e a física, uma e outra desempenhando notório papel.

Claro que numa vida com o necessário equilíbrio emocional, elas devem estar abertas simultaneamente...

Lina jamais conseguiu abrir, assim, as duas portas, vivendo num permanente «abre uma» «abre outra».

Mas ela tem a secreta certeza de que a porta espiritual tem uma manha e nunca chega a fechar de vez.

Daí o conflito. Daí esta sensação estranha e louca de se sentir intacta (será capaz de se preencher, ainda?).

Então inventou o seu «esquema» e os anos têm rolado quase calmamente — robot perfeito, num ser especial.

O «esquema», às vezes, serve-se de coisas simples, pequeninas, e, com elas, Lina tenta abranger coisas grandes, pôr em equação problemas vitais, casos muito concretos do seu mundo de encanto desencantado...

E é ver como António trouxe, de facto, os dois copos de whisky (em cálice de porto!) e aceitou o jogo, sem saber quão profundo alcance tinha o gesto tão banal!...

E foi engraçado: a amarga bebida, tão fora do

paladar de Lina, provocava-lhe caretas de repulsa, mas bebeu-a, a pequenos golos, em gestos de sibarita, pondo na operação uma dimensão tão profunda, que só talvez as paredes do quarto, atónitas, puderam observar!

O António bebeu. Sorriu. Abriu a «porta física» entre avanços e indecisões (caprichosa, a menina!) e foi tudo.

Lina guardará para sempre, na porta espiritual, teimosamente aberta, a recordação acre dos dois cálices.

O largo recebeu a carícia do sol.

O quiosque parece menos sujo e velho.

Um motorista passeia as pernas regeladas e espreita freguês...

É isto a vida, isto é a vida que entra em Lina, em mim e me marca, ajudando-me a cumprir o esquema.

Assim, numa Primavera antecipada, há como que um renascer para a vida agitada do Verão que se aproxima.

Ela, sensível à mutação dos astros, aguarda com uma ansiedade sensual, muito característica, o aquecimento do tempo, as flores no prado, aquele deixar os casacos e os sapatos...

Como ela gosta de se sentir leve, fresca, airosa, menina!

Há pouco, um trabalhador dizia-me:

— Vai um tempo lindo! Mas parece impossível como Deus não manda uma chuvinha!

Tentei explicar-lhe o pouco que eu próprio sei da teoria dos astros, dos climas, das mudanças que o tempo físico pode sofrer com o rodar milenário dos anos, mas... qual quê? Era castigo de Deus, só castigo...

Quisera estar naquele grau de compreensão das coisas, muito próxima da felicidade primária, da fé fatalista que se entrega e aceita a adversidade e a miséria.

Lina acha que o trabalhador é feliz.

E recorda, aqui, que também António lhe diz que ela, em começando a filosofar, aumenta os problemas. É possível, mas o que também não se pode é tirar a cada animal o seu próprio «habitat».

Paralelamente, um industrial amigo, inteligente, elemento de uma sociedade hoje desaparecida, confessor-me, em conversa casual, que o homem, com o avanço da técnica, acabará por se destruir a si próprio!

É isto verdade, embora Lina reconheça que não é o assunto que, no mundo, alma de vivo, mais lhe interessa.

Energia nuclear — energia solar!

Que é isso? Deixem reinar o Sol!

Mas o que a preocupa é o que destrói o homem, no mundo hodierno: é a agressividade, a solidão, o egoísmo do outro irmão — homem.

Devíamos dar as mãos, como quando cantamos e dançamos, mas o homem é um bicho engraçado: é feliz por calendário: na data para rir, ri, como se o riso e o sorriso fossem comida tradicional de épocas festivas.

O homem vai à Lua, maneja a arma nuclear, mas não consegue dar à alma o seu próprio alimento, a sua própria dose de fantasia.

É preciso um tudo-nada de loucura para se ser feliz — disse Alguém.

O António, sentado a meu lado, olhos presos no pequeno écran, está mais calmo, sem grandes oscilações de humor.

É um homem simples.

Composto por poucas peças. Desde que elas se ajustem, tudo bem.

Ela não. Tem miríades de peças que saltam do lugar — as marotas! — ao menor gesto, ao mais leve rumor.

Por isso António faz, feliz, as suas palavras cruzadas, que acerta sempre.

Tenho a impressão de que ele as usa, não porque goste assim tanto do passatempo, mas para se fechar na sua «ilha», para não se responsabilizar.

Sim, porque isto «de estarmos dentro das coisas, acaba, sempre, por nos envolver», por nos pedir muito de nós próprios...

Assim, aquele ser feito de uma só peça, enquanto faz palavras cruzadas, faz as palavras cruzadas!

Eu, começo-as, sou solicitada e, se não sou, interrompo, busco, mudo e mudo-me, para no final ficar, sempre, dramaticamente, igual.

Mas o António, o António até é melhor do que eu, no íntimo, no cerne, só que pelo caminho parte muita coisa, destrói muitos pássaros azuis que poderiam esvoaçar, contentes, no infinito das horas vazias, do quotidiano das almas que, um dia, se viram com asas iguais.

Por muito que se queira achar que tudo está bem, Lina não consegue nem por um decreto (e por portaria?).

Em quase tudo ela descobre aquela politicazinha suja, egocêntrica, que proíbe o que está fora de um grupo de bajuladores.

Eu rio-me... por dentro. Cada vez me convenço mais de que estou certa, mas isso não me dá garantias nenhuma.

O dia está como eu: conformado e triste. É Outono que, de certa forma, é melhor que uma Primavera cinzenta.

Mas maus dias virão. Eu sei. Eu quase me não importo!

O que interessa é um dia atrás do outro, como diz a canção!

«Eu tenho essa virtude de esperar»!...

A tarde vai caindo lentamente, escurecendo o cume dos montes que cercam a vila.

Aos poucos, tudo é silêncio e calma.

E o écran da televisão actua como um sedativo que dá felicidade.

Lina não dispensa essa hora. Parece uma galinha com todos os seus pintos (quando isso acontece!) debaixo da asa!

Acabam-se as lutas (dormem!), os olhos começam a fechar-se e a noite é um oásis delicioso.

De manhã, há que esperar os embates, as lutas, as incoerências, a ingratidão...

Estou de novo no Café. Há quanto tempo!

Isto de escrever é como uma febre e eu só consigo escrever assim, de jacto, sem parar.

Fico melhor.

Acontecem coisas que, se acontecessem antes, dava para matar (só se morre em teoria!), o que é certo é que continuo viva (em teoria!), continuo a ganhar o pão que como, o que me dá uma felicidade inteira.

Não poderia viver de outro modo...

Sabe tão bem o pão que se ganha, todos os dias, qualquer que seja a enxada ou o cavador...

Onde estará António? Como estará?

A meu lado, igual, flutuando à superfície de tudo, como barquito de papel em olhos de menino.

Falou-se de Liberdade. Palavras bonitas. Frases literárias.

Mas a Liberdade é uma opção. A Liberdade é muito concreta, muito objectiva, muito terra a terra.

A Liberdade sem pão? A Liberdade sem educação? Sem saúde?

Devem os governos pensar nisto e deixar a literatura para os artistas. A felicidade de todo um povo faz-se de coisas muito simples, mas muito essenciais.

Nenhum governante poderá dormir descansado em sua cama, ao saber que dentro dos seus muros há bocas sem pão, crianças sem tecto, homens que nunca foram à escola, doentes que esperam morrer, agradecidos...

Lina havia de ter aí por volta de sete anos.

Estava em voga, como material de dura, o esmalte.

Lá em casa, bebia-se o café com leite por chávenas de esmalte branco, com uma beirinha azul...

Com o tempo, elas iam riscando e Lina não podia beber o leite.

— Olha que a chávena está limpa, é forte a tua cisma, menina!

Mas ela via, por entre aqueles riscos, figuras mórbidas, estendidas em caixões...

E não bebia...

Tem graça, que nunca se lembrou de indagar por que motivo via coisas, onde os outros nada viam, ou, então, e até via coisas assim tão tristes, onde os outros só veriam, quando muito, riscos ou qualquer traçado do uso.

É Primavera. Mas no ar gelado, a plumagem tenra das andorinhas parece que murcha.

Tenho saudades do sol, temperado e bondoso.

Devia ser sempre Primavera azul. Do Verão, também não gosto nada.

É uma estação agressiva e monótona!

Se penso nela, logo me acontece tudo de mal que me tem acontecido.

O sol abriu. As árvores que vejo daqui, têm clorofilas diversas.

É bonito e casam-se bem com o amarelo dos prédios.

Mas o ar continua denso e parado, sem gestos de amizade nem diálogo.

Dá a ideia que se prepara para transmitir alguma mensagem de dor.

«É a trovoada» — diz o nosso povo, mas esse, coitado, não é capaz de entender o que está para além do que vê, para além do fenómeno físico e visual.

Um dia, hei-de contar muitas coisas: coisas más e coisas boas e algumas assim, assim.

Desta forma a gente fica mais leve, mais calma, mais igual aos outros que não têm nada para contar.

Recordo aquela senhora de Âncora que, saturada das infidelidades do marido, dizia: «sabe? — a minha vida dava um filme».

«Ainda há dias, no cinema, vi um que era tal e qual a minha vida!»

Claro que não era, mas a senhora, em atitude um pouco egocêntrica, acreditava que sim.

Isso, paradoxalmente, dava-lhe felicidade.

Eu sorria. E, agora, passados uns bons anos, eu não esqueço o dito e o picaresco que encerra.

Por alturas dos meus catorze anos tornei-me vaidosa.

Adorava ter um fatinho amarelo, cor de limão.

Tinha visto um, numa menina gorducha, companheira de colégio (que será feito dela?), e saturei a mãe para me dar um igual.

E deu. Ele fez as delícias da minha quase adolescência.

Eu já não era aquela menininha de sobancelha cerrada, mas ainda não era mulherzinha.

Era aquele tipo intermédio — a da meia branca ren-

dada até ao joelho e sapatinho preto — e as pessoas, ao passar, perguntavam-me de quem eu era filha.

Eu dizia, elas sorriam-me e disparavam: vós (minhas irmãs e eu) sois bonitinhas, mas a vossa mãe foi uma beleza!

Eu chegava a casa e contava.

Minha mãe retorquia sempre e achava que as pessoas exageravam e falseavam a sua escala de valores.

Pudera: se nós éramos as suas filhas!

Por isso, quis recordar isto, hoje e aqui!

O Verão aproxima-se. Para mim, só há motivação no «quase», na «antecâmara das coisas».

Se já fosse Verão e os raios do sol queimassem como brasas, eu estaria, por certo, a pensar no Outono e na paleta de tantos pintores do meu país de tintas e pincéis...

Mas é quase Verão e a Natureza começa a enfeitar-se para a solenidade: — é disso que eu gosto.

E, aos poucos, aos bocadinhos, vou descrevendo esta vila que é só minha, circunstancialmente...

As árvores do largo quase (outro «quase»!) tapam a Varanda dos Reis, do Mosteiro.

Mas não corre a menor brisa!

Reparo agora que já há mastros com bandeiras para a grande romaria anual.

Há pouco, à hora do almoço, comentou-se a pobreza do programa deste ano. Pobreza que, mesmo assim, ia custar um dinheirão!

Fui sempre contra isso. Romaria quer dizer povo (no sentido simbólico do termo — não vá um qualquer purista cair-me em cima!) e o povo, esse, faz festa porque o calendário litúrgico ou a sua devoção o determina.

Para quê programas sofisticados? Para quê lembrarem-se de «cultura» nesta ocasião?

É o dia do Santinho, é o dia aprazado, e o povo e a música e os doces e os romeiros aí estão — é a festa!

Para quê, mais nada?

O povo fica feliz, o Santinho sorri do seu altar de cravos, as lojas vendem, os pares de namorados, abraçados, aproveitam o bulício e as gentes e apertam mais o abraço...

Sempre assim foi e sempre assim há-de ser.

Programas de festas? Comissões? Números para «inglês ver»?

Deixem o povo folgar (para esquecer) e comer aqueles doces à mistura com o pó e a cheirarem a pólvora dos foguetes (tenho um medo deles!...).

O resto é... paisagem para autopromoção, a maior parte dos casos e para tirar o cunho rústico dessas festas, sem conseguirem, contudo, dar-lhe a tal dimensão «cultural» que os «entendidos» pretendem.

Deixem, por favor, o nosso povo rir!

Ele precisa tanto!

Mas o Verão continua envergonhado e as gentes da serrania, o povo-povo, aquele que ainda não foi falsa-

mente cultivado, aculturado, está indeciso, olhando os ares, interrompendo-se se choverá, se poderá vir ou não ao seu «Junho», ouvir os bombos, deliciar-se com aquele movimento frenético de braços que torna os tocadores quase máquinas!

Eu, por mim, gostaria que o tempo ajudasse e a serania viesse, por aí abaixo, feliz, liberta, meninada ao lado e ao colo, fazer a sua visita à vila.

É assim que eu entendo as coisas, que eu amo as coisas.

Já pensaram na satisfação dessa boa gente?

Já pensaram que as suas vidas se pautam pela festa anual ao seu Santinho?

Já meditaram bem que eles, o povo-povo acha sempre os festejos muito bonitos?

É que eles vivem entre a devoção e o estômago, entre o deixar a enxada e o «calor» das luzes! — apanágio da felicidade inteira, da felicidade primária que só o nosso povo consegue experimentar, um momento.

Como somos pequeninos, nós, os ditos civilizados, os chamados senhores instruídos e tão infelizes!...

Pertenço a uma família amante de café, de bom café.

Pequenita e depois já adolescente, era eu quem fazia o café para a família.

Saía forte e saboroso e passei a ser elogiada por isso

e a fazê-lo, também, para os amigos. Meu pai dizia: — ela faz um café que levanta um morto!

Os anos foram rolando e o café, veneno subtil que vai matando alegremente, tem sido o meu arrimo e a minha lenta agonia...

Se estou em baixo, há que ir em busca da minúscula chávena («bebedouro de canário») e o «morto» daí a pouco está em pé.

E é engraçado: na casa que é agora a da Lina, esse vício é mais da parte feminina do grupo, como se as mulheres precisem de algo que as faça ressurgir e viver...

E, sabem uma coisa? — gostaria de fazer um café que «levantasse um morto» para Alguém que viesse assim, de repente, sem aviso, por intuição somente, e me fosse muito querido.

O café não é só para se tomar: é essencialmente para se ver, para se cheirar, para se sentir, para ajudar a amar as pessoas.

É isso: ajudar a amar! O amor é algo de muito delicado que é preciso saber cultivar.

Pessoalmente, não sei se terei esse dom: tenho um certo pudor dos meus sentimentos e, por outro lado, qualquer aragem o derruba e esfria...

Acho que, mais ou menos, todos somos assim e eu não tenho vocação para masoquista...

O Verão (é ainda Primavera!) veio em cheio.

A vila, que dizem ser terra de turismo, é passeada por muitos pares estrangeiros que se apartam de nós, pelo traje irreverente e sujo...

Mas os rostos são sadios e simpáticos.

Às vezes, ponho-me a fazer confrontos e acho os latinos demasiado esquematizados e complicados.

Por momentos, quisera ter outra geografia e, consequentemente, outra alma e outra filosofia de vida.

Mas sou latina, tremendamente latina e, por isso, vivo sempre assim, na crista da onda, ao sabor de mares encapelados...

Neste momento, no momento em que escrevo, conheço tudo e todos à minha volta: velhos, novos, de meia-idade.

Quase poderia adivinhar do que estão falando e, até, adivinhar os seus desejos mais sinceros...

É tão pequena esta terra que tantos tornaram grande!

Na mesa, ali ao lado, há um que sobressai do grupo: faz sempre a despesa da conversa. Os outros, simpáticos e sabedores, olham-no como a um deus.

Eu pergunto-me: entrarão somente no jogo, ou acreditarão mesmo nele?

Decifrar este passatempo agrada-me, por instantes.

Quanto a mim, tenho as «minhas certezas» e isso basta-me...

Agora riem todos — teria sido anedota?

O António está outra vez na fase dos «papéis». Tudo lhe interessa, mesmo aquilo que não tem interesse.

Sempre teve uma paixão grande, incontida, pela palavra impressa, e o cheiro da tinta da tipografia encanta-o.

Mas nunca pude perceber muito bem como é que consegue ler por ler, para se isolar, para se não envolver, passando ao de cima das coisas, daquelas mesmas coisas que foram o objecto da sua leitura, tantas vezes!

Eu também gosto muito de jornais. Mas, neles, procuro aquilo que me cativa, quase sempre em dois ângulos: a informação (gosto de me sentir viva!) e o emocional.

O resto esqueço, avanço.

Saída da escola, rua abaixo a fazer os meus recados, sacos na mão, pára aqui, pára ali, eis que chego ao Largo.

Para mim, para muita gente, a vila é isto: o mosteiro ou convento (ainda hei-de indagar isso) com as suas pombas, os seus mirones, os seus pares de namorados...

Se houver por aí alguém que seja capaz de dizer que Amarante é mais do que o Largo de S. Gonçalo, eu desminto-o.

Não é preciso marcar encontro com ninguém, pois todos aí nos encontramos.

Eu até costumo dizer que a Vila-Cidade só tem uma rua e é a que vai de Santa Luzia ao Arquinho!

Não é isto verdade?

E o quiosque, mancha queirosiana do princípio do século, tem um não sei quê que apetece conservar.

Daí se desfruta tudo o mais: a cascata de S. Domingos e o arvoredado bucólico da Floresta, o rio, remanso dos patos a quem o Zé chama de «filhos».

Alma grande a deste «Zé dos Patos»!...

O rio é para Amarante o que a tinta é para o pincel: faz a sua tela.

Sem o rio, a Vila-Cidade era uma estreita faixa de terra, sufocada pela montanha.

Mas Deus foi seu amigo: doou-lhe o Tâmega, que até no nome tem cadência e poesia.

Gosto de o ver deslizar suavemente por entre os choupos, deixando a descoberto os penedos lisos e brancos que o cercam.

E, depois, há, cá no cimo, o casario apalaçado, a lembrar um fausto antigo, uma linhagem de que a terra se orgulha...

Também o meu local de trabalho se situa numa dessas casas apalaçadas, onde vestígios de azulejos e certa traça não desapareceram ainda.

Quando subo a escadaria e vejo o chão e o tecto tão ricos e fidalgos, ponho-me a divagar e vêm-me, então, aos ouvidos vozes estranhas, de senhores feudais e ponho-me a imaginá-los: às vezes eles passeiam-se por aquelas salas, pelos corredores, pela escadaria...

Que almas teriam? Que mágoas? Que desencantos? Que noites?

Estas, dizem que eram iluminadas por grandes bailes e eu, então, ainda ouço o frufu das sedas dos vestidos das senhoras.

Mas é sobretudo almas, almas de antepassados que eu sinto e escuto naquele prédio enorme, grande demais para a minha solidão, para o rectângulo-espço da minha fantasia e do meu encantamento desencantado.

Às vezes o António diz-me, fazendo um sorriso de ironia: «como lê depressa»!...

É que vou passando os títulos que me não interessam, para me fixar, somente, no que me emociona ou que, por momentos, é capaz de me fazer sair de mim.

E, nem sonham como isso é difícil!

Lina está calma, o que, de maneira alguma, significa feliz.

Para mim, felicidade seria assim uma coisa muito grande, que me tornasse eufórica e me fizesse dançar.

Precisava disso, mas vou-me contentando com uma

certa acalmia dolorosa, pois a tal alegria grande, bola de borracha nas mãos de menino, certamente não chegará jamais.

O Largo está ruidoso, movimentado, e o empregado do Café vende gelados em gesto mecânico.

Olho os olhos dos miúdos que riem de gula!

E, se eu comprasse um gelado?

Não adiantaria sob nenhum aspecto: fazia-me mal e os meus olhos são demasiado velhos, demasiado cansados para sorrir de gula.

Já confessei aqui que não sou, sequer, gulosa?

Se fosse, agarrava-me a isso e pronto...

Assim, que fazer?

Estou sozinha e liguei o televisor para ouvir alguém.

A música, agora não consigo suportá-la muito tempo: prefiro as palavras, o texto, para me situar dentro de qualquer coisa, para me agarrar a algo fora desta alma cigana que não sai do seu ritual perdido e ambulante.

Já regressaram. Lina já não está sozinha.

O televisor continua aberto e são fragmentos da discussão parlamentar que eu ouço, nos intervalos da cozinha.

A espantosa realidade das coisas é também a minha descoberta de todos os dias.

E, agora, Lina compreende coisas que não compreendia quando lhe diziam: «sinta mais e pense menos».

Ela dizia: — «eu penso porque sinto».

Hoje sabe que não é assim e que as pessoas tinham razão quando a alertavam para a sua permanente obsessão.

Foi uma aprendizagem difícil, mas vai conseguindo, aos poucos, em passos incertos, com constantes recaídas, sair desse estado de cataclismo que foram todos estes anos.

Se o cataclismo tornar, não atingirá a Lina somente... embora ela tenha o condão de receber sempre, em casos tais, um quinhão maior.

O homem é a soma de tudo o que vê e pensa, e é disso, dessa soma, que ela tem medo.

Mas, lá vou descobrindo, dia após dia, a realidade das coisas, o que me torna menos exigente, mais condescendente.

E o Amor deixa de ser essência, para ser uma arte como a arte de ser poeta!

No cantinho aconchegado dos meus livros e barros, olho, talvez pela primeira vez, para uma estatueta indígena em madeira, sem braços e onde sobressaem umas órbitas e uns dentes perfilados.

Nunca tinha reparado nela e, nesta hora, vem-me à ideia o que antes nunca tinha pensado: o homem civilizado é, na maioria dos casos, um indígena de senti-

mentos, um indígena do amor, um indígena de fraternidade.

Era tão bom que o homem se civilizasse para o Amor, se purificasse, se melhorasse para entender a vida em comum!

Uma alma que se eleva, eleva o mundo. Mas uma alma que se afunda perde-se a si e ao seu grupo familiar e social!

O dia refrescou. Lina sentiu no ar qualquer coisa, assim a modos de uma renovação.

Todos os dias há um sol novo, disse o poeta e Lina sentiu isso como verdadeiro.

Ela, amante de beleza, procura defender as coisas belas, os perfumes subtis, a magia das horas do poente.

Mas a máquina revolve a terra, arrasta e tudo arrasa, levando diante de si o testemunho das gerações.

Há tão pouco para o pensamento, para o verso, para olhar as estrelas!

Eu, mesmo sem tempo, tenho tempo para ver os meus sóis, porque os meus olhos são olhos que têm chorado.

Pobres dos olhos que não choram. Não vêem nada!

Lina recorda, sente, obtém a certeza certa de que a terra de uma alma boa é o mundo inteiro!

Quisera não ter terra também, mas Lina não será, ao certo, uma alma boa.

Ela é uma alma estranha, fugidia, sedenta de algo que não sabe bem explicar, mas que sente que nunca teve.

Nã varanda, António vê passar os carros, fumando calmamente.

O televisor transmite, em catadupa, publicidade de produtos comerciais.

Então eu penso uma coisa engraçada: se quando o produto é bom, todos nos apercebemos disso... para quê o pregão?

O nosso povo, o maior dos filósofos que conheço, costuma dizer:

— «Quem gaba a filha?

— É o pai, que a quer casar!»

Por isso sou contra a publicidade exagerada.

Ela é uma poderosa forma de massificar o género humano, tirando-lhe a individualização a que tem direito e, o que é ainda pior, a sua faculdade de pensar!

Estamos no tempo das romarias. Eu sou da terra das romarias e disso me orgulho.

Lina sempre gostou (e ainda gosta) de procissões.

Em criança ia em todas, sempre vestida de querubim.

Ela gostava, mas tinha uma pena (nunca confessada!) de não ser escolhida para «figura».

Sabem o motivo?

Não tinha corpo: era raquítica e pequena, não figuraria bem.

Mas parece que assim vestida de querubim (será um anjo especial?), ficava muito bem!

Da última vez, o vestido ou túnica era de um lilás muito suave, debruado na orla a arminho.

Mas o que a encantava eram as asas cruzadas e brancas!

Onde estão as minhas asas, Senhor, as do querubim que eu imitava e se viam e as outras que eu tinha?

Onde estão?

A manhã acordou serena e um pouco húmida.

O Sol ainda se não mostrou, mas, logo pela tarde, ele vai dardejear-nos com os seus raios agressivos.

Como diz o poeta, o sol só não é bom, quando, em vez de criar, seca.

Agora são as festas populares e tudo rescende a arquinhos e balões.

No ar, quase se vê o cheiro dos manjericos e da cidreira, e o S. João, sempre fiel, orvalha as nossas cabeças e o asfalto da rua, pela manhãzinha.

Os meninos «ainda» fazem cascatas, e pedem, não um tostãozinho (que é isso?), mas uma moeda branca para o Santo.

Depois, também como sempre, vão gastar o produto na confeitaria que estiver mais ao pé...

É nestas ocasiões que Lina ainda consegue situar-se no tempo e fazer as pazes, por momentos, com ele.

É que também fiz cascatas, com meus irmãos e mais crianças lá da rua.

A minha rua! Como eu gostava dela!

Recordo-me de um passatempo preferido: correr pelo passeio com um pé em cima e outro em baixo... chegando ao fim, principiava até me aborrecer.

E fazia «macacas» desenhadas com um caco e era exímia nisso...

Também saltava a corda e até sabia «meter-me» ao contrário!...

Hoje, as crianças que moram na minha rua, na rua que foi minha e é da gente até sermos velhinhos, não poderão fazer aquelas proezas porque a civilização, o mundo complicado dos adultos lho proíbe...

Mas sabem uma coisa?

Para mim, quando lá passo, é ainda a minha rua e vejo, estragada pelos outros pequenos, a minha «macaca», a «macaca» que eu fazia, quando fazia «macacas».

Lina respira fundo.

Ela acha que saber respirar é uma ciência.

Por isso aprendeu, teve de aprender.

Assim, a vida vem até ela, devagarinho, mas inteira e deixa-se ver, menina bonita, enfeitada e risonha.

É Verão e é manhã!

É tudo tão ameno e quieto que não devíamos falar.

Para quê acordar os ruídos?

Para mais, ainda não chegou aquela canícula agressiva e monótona que Lina detesta.

É. Lina não gosta da canícula, como não gosta de nada que seja extremo, que seja carregado.

Então a solução seria fácil: situava-me sempre no meio e, aí, adquiria a necessária estabilidade.

Mas... (há sempre um mas que estraga tudo) eu tenho que ir ao fundo, meter-me, assim, como quem se afoga, penetrar como bichinho pontiagudo no húmus da terra calcinada pelas dúvidas e pelas tempestades.

Daí ficar-me sempre a sensação de que não tem nada quem não tem o que deseja.

Que é isso de compensações?

Como fazer transferências?

Lina não sabe, mas tem a secreta intuição (esta realidade que vem, muitas vezes, ter comigo, quase que feita sensação) de que o António é mestre nesse jogo.

Falando dessa intuição que vem ter comigo, como «objecto» concreto, lembra-me minha mãe: «a mim, as coisas cheiram-me à distância»...

Lina possui, é certo, um certo humor.

Já seu pai o possuía. Em António, dir-se-ia de outro género o humor: terno, menos intelectual, dir-se-ia que lhe pula na boca.

Ela própria faz contraste. Tem espírito receptivo, cheio de curiosidade, sentindo grande prazer e distração em ouvir os outros.

Possui até certa habilidade em provocar a conversa. Ama as ideias, e os outros consideram-na, por isso, uma original.

O seu maior divertimento é discutir filosofia, política, com alguém instruído e fluente.

Esta alegria não lhe terá sido concedida muitas vezes; mas sempre houve pessoas que lhe falaram de si mesmas, e ela, Lina, satisfaz, de certa maneira, o seu gosto.

Era o pôr-do-sol. Nessas tardes límpidas, as colinas que vejo da varanda, inflamam-se no crepúsculo rubro.

Eu, então, vejo o astro afundar-se entre as agulhas dos pinheiros, deixando atrás de si tonalidades macias; o ocidente torna-se vermelho, como se todo o fogo corresse para lá e deixasse abandonado o céu, cálice azul inviolável.

E, confrontada e subjugada pelo carácter definitivo da morte, senti-me pequena e insignificante.

Mas não me lembro muito dela, como se todo o meu pensamento e toda a minha força me falem, antes, de vida.

É. Lina é assim, quase só pensamento.

A força vem de dentro, tão corporizada, tão objectiva e concreta como as suas ideias.

As suas ideias são objectos, com forma e dimensão e espaço.

Este é, por vezes, tão grande, que a ocupa toda, sem deixar uma fresta sequer.

E os dias vão passando...

Há bocado António, a rir, dispara: «está um tempo seco como um cão; por isso se diz canícula, sabias?»

Lina não sabe se sabia, mas «sente» que a detesta, à tal canícula...

Se ao menos, a esta hora, pudesse caminhar, sozinha, talvez descalça, entre pinhais, rumo ao mar e embriagar-se com o cheiro do sargaço, narinas dilatadas, cabelo revoltado, isso seria muito bom.

Mas não. Ficarà, joguete eterno do seu denominador comum.

O Minho é um presente do céu.

Viajar? Se conhece o Minho, que vai fazer?

É que esta província (a minha) tem vários Minhos, consoante a região que se visita.

Tudo nela é atracção, verdura e volubilidade.

Mas o que sobressai sempre, é a sua terra fértil e pronta, com os seus seres, homens e mulheres muito característicos.

O Verão aí está e o Minho é uma festa permanente.

Mas não falarei da Agonia. Já foi cantada e celebrada muitas vezes.

Nesta hora mansa em que escrevo, Lina recorda a tela querida à sua infância, com os renques dos salgueiros e dos choupos nas margens do Cávado e Espo-sende com o eterno incêndio rubro dos seus poentes ventosos.

Lina tinha para aí uns sete ou oito anos.

Pelas festas de ano, era certo visitar a terra de seus avós e, ao avistar a Senhora da Saúde, o seu coração não lhe cabia no peito.

Havia um ritual de visitas a fazer e uma das mais gratas à sua fantasia era, sem dúvida, ao Posto de Socorros, a Náufragos.

Seu tio segundo era patrão e, nesta fronteira da memória, estou a vê-lo, cachimbo ao canto da boca grossa e descaída, camisa enxadrezada e uma enorme ternura, um abismo de simpatia.

Dava-me peras de água, muito maduras e grandes.

Pela vida fora, Lina jamais deixou de associar o tio Zé à imagem da pêra.

Cimentou-se, assim, na minha alma, uma estranha

vivência: a ternura, muito concreta, palpável do meu tio que vivia naquela casinha onde se lia Associação de Socorros a Náufragos.

E é ainda sobre o tema vida que Lina lhe apetece falar.

... Ela achá, como diz o poeta, que viver é também e, acima de tudo, abrir a boca e dizer: Ah!

Hoje, há pouco, cheguei a casa, vinda de reunião em que disse Ah! muitas vezes!

Isso, ao mesmo tempo que me indignou, libertou-me de muita dúvida, muita hesitação e muita inércia!

António é igual a si próprio. Tão igual, que o seu estudo, o estudo da sua alma, é fácil e simples, como o curso da água do rio, a caminho do mar...

Vê televisão e não quer ser interrompido: assim, não se aborrece, não luta, não decide, não abre a boca à vida para fazer: Ah!

A vida! Oh! A vida! Ela também é pegar na mão de alguém que se ama e levá-lo a ver as conchas do mar, ou raio verde dum poente rubro, como me contou, há bocado, uma amiga muito especial.

Fiquei cismando no raio verde e associei-o «ao pé de laranja-lima de Mauro de Vasconcelos.

É. Feliz daquele que encontra o seu raio verde ou tem o seu pé de laranja-lima.

Lina, na dúvida sobre o pé de laranja-lima, procura, sem desânimo, em todos os poentes rubros e lânguidos, o seu raio verde, a sua esperança concreta, feita carne e sangue, porque foi cimentada com lágrimas, com sedes de infinito, com tristezas de horas mortas, sozinhas e plangentes.

Meu pai sempre distinguia (e ensinava-nos isso) a esperteza da inteligência, dizendo que uma coisa nada tinha a ver com a outra e nunca, ou quase nunca, se conciliavam.

Ficou-me isso, estes anos todos, no escaninho do subconsciente e hoje veio ao de cima, nesta fronteira da memória, que é a essência deste livro e separa dois mundos em que flutuo — o do «eu» e o do não «eu» — corda bamba e frágil em que ganha sempre o primeiro.

Meu pai tinha razão: esperto não é, não pode ser, sinónimo de inteligente!

O esperto vence o inteligente e este queda-se, desmaterializado, num mundo que é só dele e que é só feito de labor mental.

Parece Outono. Gostaria de saber pintar e abalar, cavalete debaixo do braço, em busca de uma tela que só eu descobrisse — pedacinho dum céu, dum poente,

de alguma boiada a caminho da casa do lavrador, onde um mocetão tirasse da viola alguma canção ardente, saudosa e que falasse de um amor próximo, real e eterno...

Seria linda essa tela. Mas não sei pintar, nunca fiz dois riscos que tivessem jeito.

Os meus riscos são as palavras e as minhas telas, este desejo enorme de falar, de desmistificar, de descodificar tanta coisa que me agride e me tira, por vezes, o ânimo de prosseguir!

Mas prosseguirei, talvez mais ajustada, menos diferente, mas não sei se consigo, de facto, entrar na «comunidade».

Quantos anos tem Lina? Quantos lhe faltam para...?

Devem ser poucos e seria bom que entrasse para o grémio comum e matasse, em si, esse ser feito de miríades de peças, de cristal lapidado que embacia ao menor contacto, à palavra mais áspera, ao gesto menos delicado...

De todos os sentimentos, o que mais me comove é a bondade e a ternura.

Amor, o que é? Paixão, não sei o que seja. Mas a ternura é olharmos a dois na mesma direcção, é descobrirmos juntos um veio de água, é afagar a cabeça de criança que o outro já afagou.

É. Tudo é uma questão de mente. Deitar para trás e avançar. Mas custa muito, mesmo muito.

Eu não sei o que sou. Mas sei o que não sou.

Isto não tem originalidade nenhuma e, afinal de contas, que se lucra com a originalidade?

Tão poucos nos compreendem!

Os outros julgam sempre que nos estão logrando, coitados!

Apeteceu-me, hoje e agora, escrever: experimentei tantos zigzagues, tantas vivências numa só, que a culpada é e será sempre esta alma danada, irrequieta, exigente e faminta de qualquer coisa que eu não sei bem como seja.

A minha alma deve ter falta de vitaminas, mas eu sou uma má doente: sei do remédio e não o tomo...

Lina nunca esteve tão lúcida. Nessa lucidez viu muitos erros, muitos desvios que fez, por bem.

Acto de contrição? Mea culpa?

O António entende-a, mas tem preguiça de entendê-la. Talvez, até, tenha um certo pudor de dizer que entende.

Há casos assim.

E o dia-a-dia vai-se cumprindo, numa acalmia monótona e indefinida.

Se calhar, isto acontece a todos, só que poucos têm a coragem de dizê-lo.

Eu digo-o por o ter vivido e não por o ouvir dizer. Escrevo coisas verdadeiras. Quem não quiser ler ou entender que me feche. A minha prosa nasce em mim para o papel, simples, corredia, mas a corpo inteiro.

Tenho de estar inteira em tudo que penso e faço, mais concretamente no primeiro caso.

O meu pensamento é uma coisa viva, um ser, uma pessoa que eu transporto em eterna gestação.

É Verão. Não gosto. Não tem originalidade nem alma.

Estou dentro dum armário mais ou menos espaçoso e funcional, de cimento armado. Não gosto.

Em pensamento gostaria de ver o mar. Gostaria de uma noite, feita de brisa e calor, uma noite perfumada a algas e maresia.

Como diz Jorge Amado, gostaria de tomar a noite (a noite do mar) pela mão e conversar com ela, terna, largamente.

A minha noite não é noite de dormir, como diz a canção, mas noite de entender.

Dêem-me um café bem forte. Loiro e acre, para eu ouvir a minha noite, para eu entender a vida que vejo com os olhos que me deram!

Porque o escritor é um tabuleiro de xadrez. O material está todo feito, eu só combino o conflito.

Dêem-me um café numa chávena bonita.
Assim, pesada e com um fiinho azul...

Minha mãe está velha. A mãe de Lina é velha.
Lina vai caminhando e vai entendendo tudo,
tudo...

Quem é que diz para aí que os velhos perdem a lucidez?

Eu ganhei-a. Eu estou mais rica. Eu não tenho idade.

Sou pensamentos, sou um pensamento, carrego um fardo, mas vejo a luz ao fundo do túnel.

Tenho de caminhar. E caminho.

Na praia da memória, Lina olha a fronteira, a linha que separa aquilo de que se lembra, o que faz a distinção entre o que contei e aquilo que ficou por dizer: — era um poente lindo, a derreter-se de ternura e angústia por sobre o horizonte visual.

Estavam sozinhos: António e Lina, tudo o mais era esquecimento e tinha ficado para trás.

Não havia calor, nem frio, nem ruído... O mar gemia baixinho e as ondas eram, ali ao pé, espuma de sabão de palhinha de menino.

Lina olhou pela primeira vez e, fixando a pequena tela que se estendia ante seus olhos, aqueles olhos que

lhe foram dados para ver, descobre, numa espécie de ilha, uma barca envelhecida e mais quatro barcos, vogando no mesmo mar.

Um dos barquitos, fraco e sem restauro, ficará para sempre atracado à barca grande; outro vogará, conhecerá outras águas, mas aportará de todas as vezes, no velho porto — não conhece, não quer conhecer outra doca; o terceiro barco, forte, determinado, feliz, soltou as amarras, mas embandeira as suas velas brancas em direcção à barca.

Quanto ao outro barquito, pequeno e sem bússola, casco endurecido, rumará talvez em ondas bravas.

Que linda tela! O amor é uma expressão fora de uso, já gasta pelo tempo, mas tem sempre um cheiro a ervas bravas.

Lina olha António pela primeira vez.

António, o velho barqueiro!

— Foste um bom timoneiro!

— E agora?

— Agora, vamos dar as mãos.

Assim, com muita, muita força.

— E tu, que foste tu, sempre, nesta viagem de sempre?

— Eu não fui nada. Eu não quero que me chames nada.

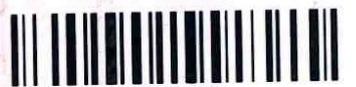
— Mas quem és tu, afinal?

— Eu não sou, quisera ser... a Liberdade, a Disponibilidade, a Fraternidade e a Paz, nestes dias de tantas

legendas baralhadas, trocadas, de textos cheios de erratas, hiatos e excrescências...

Mas não digamos mais nada. Agora, olha a paisagem, assim juntos, fortes, livres, livres...

biblioteca
municipal
barcelos



26968

Fronteira da memória